

POLI, Jaci. «Caboclo: pioneirismo e marginalização». In: CEOM. *Para uma história do oeste catarinense: 10 anos de CEOM*. Chapecó: EdUnoesc, 1995, p. 71-110.

POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". *Estudos Históricos*. Memória, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RENK, Arlene Anelia. *A luta pela erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste Catarinense*. Chapecó: Grifos, 1997.

RUDÉ, George. *La multitud en la historia. Los disturbios populares en Francia e Inglaterra 1730-1848*. 4. ed. Madrid: Espanha, 1989.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, Edward P. *Senhores e caçadores: a origem da Lei Negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMSON, Alistair. "Quando a memória é um campo de batalha: envolvimento pessoais e políticos com o passado do Exército Nacional". *Projeto História*. Cultura e Trabalho. Programa de Pós-Graduação em História - PUC/SP. São Paulo, n. 16, p. 277-296, fev. 1998.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Mãos que esculpem a memória no espaço urbano: investimentos em monumentos em Blumenau na primeira metade do século XX

Méiri Frotscher

Para a escrita deste artigo foram selecionados alguns monumentos e outros "lugares da memória"¹ constituídos em Blumenau, na primeira metade do século XX, procurando relacionar o próprio ato de sua constituição, entre outros aspectos seus, com a sociedade e o momento histórico em que foram produzidos. Isto porque o "herói", construído e materializado através de monumentos, "nos diz menos sobre si mesmo do que sobre a sociedade que o produz".² Também parte-se da idéia de que a constituição de lugares da memória não é uma operação natural. A memória, segundo Pierre Nora: "é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações".³

A prática de eternizar, através de monumentos, nomes ou fatos do passado e do presente não é comum apenas em

1 Sobre os "lugares da memória" ver NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

2 CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 14.

3 NORA, op. cit., p. 09.

Blumenau ou em Santa Catarina. Tanto quanto em outros lugares, percebe-se ali inúmeros exemplos de como as elites investem na memória de determinados fatos e pessoas, inscrevendo-os no espaço urbano. Inscrevê-los em diferentes locais da cidade, moldar no bronze ou esculpir na pedra rostos e corpos, é uma forma de tentar eternizar determinados agentes sociais, protegê-los do esquecimento. É certamente também uma tentativa de se exercer o controle da memória e de impor e/ou legitimar a dominação.

É comum vermos placas de inauguração com extensas listas de nomes de governantes, como uma forma de eternizar estes nomes no espaço público. As placas colocadas abaixo de bustos ou estátuas, assemelham-se à lápides funerárias, muito embora muitas vezes estampem nomes de pessoas que ainda vivem. A função destes monumentos, entretanto, é a mesma, ou seja, a de “evocar o passado, perpetuar a recordação”.⁴

Numa cidade em que, nos últimos anos, por conta da indústria do turismo, se fala tanto em “tradição”, chama a atenção o fato de que o primeiro busto inaugurado em praça pública não ocorreu em homenagem a uma pessoa do passado, mas a um político em pleno auge de sua carreira política, no final dos anos 20.

Em Blumenau, na então praça da estação da Estrada de Ferro Santa Catarina, onde hoje se situa a praça da prefeitura municipal, foi inaugurado em 1928 um busto sob pedestal de granito, em homenagem ao então Ministro da Viação e Obras Públicas, Victor Konder. O busto foi mandado esculpir no Rio de Janeiro por amigos do político, entre eles o industrial e então Superintendente Municipal Curt Hering, que discursou na inauguração do busto, em 05 de fevereiro, quando Konder veio visitar Blumenau. Também a praça foi batizada com seu nome,

4 LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996, p. 535.

deixando de ser chamada oficialmente de praça da estação, para ser chamada praça Victor Konder.⁵

Segundo Jacques Le Goff, um monumento tende a se especializar em dois sentidos. Um deles seria uma obra comemorativa de arquitetura ou escultura, outro, um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa.⁶ O busto de Victor Konder guarda mais correlações com o primeiro sentido, na medida em que naquele momento se homenageava o sucesso político pessoal do ministro, correligionário das elites locais e que iniciou sua carreira política em Blumenau, muito embora fosse natural de Itajaí. Após a conclusão do Curso de Direito, Victor Konder se instalou em Blumenau, onde advogou por dez anos (entre 1912 e 1922), tomando parte na criação da Empresa Industrial Garcia, uma empresa do setor têxtil.⁷ Em Blumenau também iniciou sua carreira política, como membro e presidente do Conselho Municipal (1919-1923 e 1923-1927). Foi também Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda, Viação e Obras Públicas e Agricultura do governador Hercílio Pedro da Luz (1922-1926).⁸ Chegar à pasta de Ministro da Viação e Obras Públicas representou o auge de sua carreira política e é neste momento, ainda durante sua gestão como ministro, que foi homenageado pelos correligionários políticos de Blumenau.

O monumento em sua homenagem era também, de certo modo, um ato comemorativo do auge político de determinado círculo das elites do Vale do Itajaí. Nos anos 20, as elites econômicas de Blumenau tinham grande representatividade políti-

5 Lei n. 230 de 04.01.1928. Collecção das Leis do anno de 1928 do município de Blumenau. Blumenau: Typographia G. Arthur Koehler. AHJFS - Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

6 LE GOFF, ibidem.

7 *Viktor Konder*. Biografia enviada em 1941, logo após seu falecimento, ao DAI - Instituto Alemão para o Exterior, com sede em Stuttgart, Alemanha. Arquivo Nacional de Koblenz - Alemanha. Pasta R 57/874 b.

8 PIAZZA, Walter F. *Dicionário político catarinense*. Florianópolis: Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985, p. 273.

ca na cidade. O industrial Curt Hering era Superintendente Municipal desde 1923, sendo que o grande comerciante Pedro C. Feddersen, que havia sido inúmeras vezes deputado estadual, era nesta época presidente do Conselho Municipal. Estes e outros tinham seguros canais de comunicação e possibilidades reais de barganha com o governo estadual, mantendo estreitas ligações sobretudo com os irmãos Konder, políticos oriundos do município vizinho de Itajaí. Um deles, Adolfo Konder, era governador do estado desde 1926, sendo que o outro irmão, Marcos Konder, elegeu-se na mesma época deputado estadual. Com a nomeação do outro irmão, Victor Konder, ao cargo de Ministro, no mesmo ano de 1926, políticos de destaque e outras pessoas detentoras de poderes, em Blumenau, aos quais era estreitamente ligado, tinham também um canal direto de ligação com o governo federal. Percebe-se então como nesta época as elites econômicas de Blumenau e seus representantes tinham significativa representatividade política. É neste momento de auge político dos irmãos Konder que se inaugura o primeiro busto em praça pública.

A escolha do local onde foi colocado o busto sinaliza a relação que se fazia entre a trajetória do político e a modernidade valorizada pelas elites locais. Não foi no local atualmente denominado "centro histórico" que foi erigido o primeiro busto em praça pública de Blumenau. O busto de Konder foi colocado no alto da rua XV de novembro, defronte ao grupo escolar Luiz Delfino, local de relativamente maior circulação de pessoas devido à proximidade da estação do trem, que transportava carga e pessoal para as localidades do Médio e Alto Vale do Itajaí. Na inauguração do busto, um jornal da época comentava que a escolha do local havia sido feliz, pois aquele era "o pórtico amplo para a Estrada de Ferro Santa Catarina".⁹

⁹ *A Cidade*, Blumenau, 11.02.1928, n. 21, p. 01.

O trem, desde o início do século XX, quando começou a funcionar, ligando diferentes localidades do Vale, era um símbolo da modernidade que se almejava e do progresso que tanto se valorizava. A trajetória política do ministro também era relacionada, por seus correligionários, ao progresso da cidade. No discurso do Superintendente Municipal, este salientou a "proífica e constante atuação do eminente homenageado no progresso de Blumenau".¹⁰

A escolha do local tinha a ver com a própria pasta que ocupava o ministro, a de Viação e Obras Públicas. Através de suas articulações, conseguiu que a Estrada de Ferro Santa Catarina custeasse as obras que transformaram a área, um terreno baldio, numa praça que desse melhor acesso à estação de trem, embelezando também aquela área considerada pela imprensa como "anti-estética e anti-higiênica".¹¹ Daí terem discursado, na cerimônia de inauguração, além do Superintendente Municipal e o oficial de gabinete do Ministro, o diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina.¹²

A iniciativa de se homenagear um personagem do passado, através de um monumento, porém, não tardou a acontecer, ocorrendo num momento propício para tanto. Um ano depois, em 1929, durante os festejos comemorativos ao centenário da imigração alemã em Santa Catarina, foi inaugurada em Blumenau uma estátua em memória ao naturalista alemão Fritz Müller, que ali viveu boa parte de sua vida. A idéia havia partido de José Artur Boiteux, político, desembargador e um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras,¹³ e que foi presidente honorário da comissão que providenciou a confecção da estátua. O ministro Victor Konder foi um dos que

¹⁰ *Idem*.

¹¹ *Idem*.

¹² *Idem*.

¹³ PIAZZA, op. cit., p. 97.

viabilizou financeiramente o projeto, juntamente com uma comissão, formada por personalidades de destaque em Blumenau.

Também esta estátua não foi localizada na área em que foi instalada a sede da colônia Blumenau, nem onde o naturalista morou, mas em jardim público localizado defronte à propriedade do ministro Victor Konder, em via pública que ligava a principal rua da cidade, a XV de novembro, com a localidade de Altona, atual bairro Itoupava Seca,¹⁴ onde havia significativo tráfego de pessoas.

Naquele ano, quando se comemorou o centenário da imigração alemã, em Santa Catarina e até se planejava a construção de um museu da imigração alemã em Blumenau, não seria uma estátua do fundador da Colônia Blumenau, mas a do naturalista alemão que viveu em Blumenau e que manteve correspondência com o cientista Charles Darwin, que recebe homenagem das elites da época, em estátua com os dizeres: “Príncipe dos Observadores, no conceito de Darwin e sábio decisor da natureza no Brasil.”

Alguns dados biográficos de Fritz Müller traziam elementos para que tanto personalidades de Florianópolis, capital do estado, como de Blumenau e da capital da República, justificassem a escolha de sua estátua para ser inaugurada naquele momento. O naturalista imigrou em 1852 para a Colônia Blumenau, onde conciliou suas atividades de colono com as de naturalista. Em 1857 mudou-se para Desterro, capital da província, para lecionar no Liceu Provincial, onde continuou a desenvolver suas pesquisas e escreveu o livro “Für Darwin” (Para Darwin), retornando a Blumenau anos mais tarde. Também trabalhou como funcionário do Museu Nacional, em 1876, motivo pelo qual discursou na inauguração de sua estátua, em

14 *A Cidade*, Blumenau, 11.05.29, n. 34, p. 01 e *Der Urwaldsbote*, Blumenau, 10.01.1929, p. 02.

1929, o então diretor daquela instituição, Roquete Pinto. Num momento em que se queria homenagear o colono alemão em Santa Catarina, não era difícil justificar a inauguração de monumento em memória a Fritz Müller, que além de colono foi autor de rica obra científica. Roquete Pinto destacaria, em seu discurso, destacaria o monumento como uma homenagem ao “grande colono” e sobretudo ao “sábio naturalista”. As ligações entre as lideranças políticas de Blumenau, da capital do Estado e do governo federal, que se fazem perceber também em seu discurso,¹⁵ facilitariam tal intento.

Até aquele momento, não havia nenhum “lugar da memória” na cidade dedicado ao naturalista, o que não era o caso do fundador da cidade, muito embora este não fosse na forma de uma estátua. Havia em Blumenau um monumento, inaugurado no início do século XX, por conta do cinquentenário de fundação de Blumenau, como marco da fundação, que trazia duas placas bilíngües em homenagem a Hermann Blumenau. Trata-se do monumento localizado defronte à antiga prefeitura municipal de Blumenau, no atual *Biergarten*. Este monumento, na época de sua inauguração, em 31 de maio de 1903, chegou a ser referido pela imprensa como “monumento para o Dr. Blumenau”.¹⁶ Este ainda era referido, nos anos 30, como “monumento do Dr. Blumenau”.¹⁷ Como em 1940 foi inaugurada uma estátua exclusiva ao fundador e em 1950, durante os festejos de centenário de fundação de Blumenau, foi colocada outra placa no monumento de 1903, em memória aos 17 pri-

15 Roquete Pinto destacaria Blumenau, “cidade magnífica onde hoje o patriotismo dos filhos de Santa Catarina – guiados pelo alto espírito de Adolpho e Victor Konder”, onde se havia erigido o monumento em memória a Fritz Müller. PINTO, E. Roquette et alii. *Fritz Müller. reflexões biográficas*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2000, p. 15.

16 Enthüllung des Denkmals für Dr. Blumenau. *Der Urwaldsbote*, Blumenau, 23.05.1903.

17 Entre outras fontes, ver *Pequeno guia da cidade de Blumenau*. Blumenau, 1933. Impresso nas oficinas do jornal *Urwaldsbote*. In: *Blumenau em Cadernos*, Tomo XL, n. 4, abr./1999, p. 18.

meiros imigrantes, deixou-se de se referir a este monumento como monumento *do* ou *para* o fundador, sendo referido até os dias de hoje como monumento à fundação e aos primeiros imigrantes.

O caráter político que reveste o ato de se erigir monumentos muitas vezes é tão explícito, que um dos primeiros atos após uma mudança de governo, é a eliminação de “lugares da memória” do governo anterior. Assim ocorreu com o busto de Victor Konder, em razão da Revolução de 1930. Neste momento, os políticos do Partido Republicano Catarinense perderam seus cargos políticos no governo estadual para uma facção da família Ramos, do Planalto Catarinense, do Partido Liberal Catarinense. Em nível federal, o presidente Washington Luiz foi deposto e seus ministros foram levados ao exílio, entre eles Victor Konder. Em Blumenau, o seu busto, exposto em praça pública, foi arrancado de seu pedestal por adversários políticos e jogado no rio Itajaí-Açu. O governo provisório tratou de mudar o nome da praça Victor Konder para praça João Pessoa, cujo assassinato, ocorrido um pouco antes da Revolução de 1930 ter eclodido, teve grande repercussão nacional. Tais atos ocorreram num momento de crise política de membros das elites comerciais e industriais do Vale do Itajaí, ligados ao Partido Republicano Catarinense.

Percebe-se assim como, no movimento da história, mãos esculpem estátuas e monumentos e desta maneira investem na memória de determinados fatos e pessoas, como também destróem monumentos, investindo no esquecimento de determinados fatos e pessoas. Ao mudar o nome da praça para João Pessoa, investiu-se na memória daquele político assassinado em 1930 e também, por conseguinte, na memória da revolução. Ao mesmo tempo investiu-se no esquecimento de outro político, este ligado a frações das elites locais que dominaram a esfera pública política durante a Primeira República (1889-

1930). Isto nos faz lembrar do que afirmou Walter Benjamin, de que todo monumento da cultura também é um monumento de barbárie.¹⁸

É sintomaticamente durante o Estado Novo (1937-1945), quando se investe maciçamente na repressão a descendentes e estrangeiros em Santa Catarina, que o fundador de Blumenau, o alemão Hermann Bruno Otto Blumenau, vai ser homenageado na cidade através de uma estátua imponente. Naquela época, o governo estava investindo numa Campanha de Nacionalização em áreas com presença de estrangeiros e descendentes, com o objetivo de integrá-los a “referenciais de brasilidade para forjar uma identidade homogênea”, eliminando diferenças regionais.¹⁹ Blumenau foi um dos principais alvos da Campanha em Santa Catarina.

A estátua em memória ao fundador da cidade foi inaugurada no mesmo dia da inauguração das obras de ampliação do paço municipal, em 1940, uma materialização dos investimentos do governo estadual daquela época na ampliação do aparato burocrático e administrativo, visando um melhor controle da população. A estátua modelada pelo escultor Francisco de Andrade, professor da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, sob encomenda do prefeito municipal, foi colocada na confluência da Alameda Rio Branco com a rua XV de novembro.

18 BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. v. 1. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 225.

19 Sobre os vínculos entre o investimento nacionalizador e a campanha de afirmação da língua nacional no Sul do país, ver tese de doutorado de: CAMPOS, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil*. Campinas, 1998. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas. Especialmente sobre a Campanha de Nacionalização em Blumenau e seus efeitos, ver tese de doutorado de: FROTSCHER, Méri. *Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)*. Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

O intuito de dedicar ao fundador da cidade uma estátua já existia anteriormente. O fato de haver uma estátua em memória ao naturalista Fritz Müller na cidade e nenhuma do fundador Dr. Blumenau, já era questionado em 1936 num relatório do governo integralista, que naquele ano assumiu a administração da prefeitura. Dedicar-se quase uma página inteira do relatório para se afirmar ter o município uma "dívida para com a memória do ilustre civilizador que o fundou".²⁰ Era pretensão daquele governo erigir uma grande estátua ao fundador. O presidente da Câmara Municipal, o integralista José Ferreira da Silva, havia escrito anos antes uma biografia do fundador e também outra de Fritz Müller, cuja residência e terreno, durante aquela gestão, foram adquiridos pela municipalidade para transformá-los em local de memória ao naturalista. A confecção de uma estátua em memória ao fundador, entretanto, não foi viabilizada durante a curta gestão do governo integralista, mas poucos anos depois. Quando foi nomeado prefeito de Blumenau pelo Interventor Federal no Estado, no início de 1939, após ter abdicado do integralismo e ter se convertido aos ditames do Estado Novo, José Ferreira da Silva levou a cabo seu intento de construir uma estátua a Hermann Blumenau.

A confecção e inauguração em praça pública de estátua de um estrangeiro, em 1940, em pleno curso da campanha de nacionalização, pode parecer um paradoxo, à primeira vista. O governo, entretanto, inaugurou a estátua dentro do espírito nacionalista da época, mandando inscrever abaixo dela, em placa de bronze, os seguintes dizeres: "Ao Dr. H. Blumenau, exemplo de estrangeiro que soube amar o Brasil e bem servi-lo, o povo de Blumenau". Tal sentido também é encontrado no discurso do interventor federal em Santa Catarina, que em fe-

20 *Relatório dos negócios administrativos do município de Blumenau, durante o ano de 1936, apresentado à Câmara Municipal pelo prefeito Alberto Stein.* AHJFS.

riado nacional, em 21 de abril de 1940, veio inaugurar a estátua: "Dirá este monumento aos pósteros que os blumenauenses não esquecerão aquele que lhes transmitiu, como o nome, a destinação histórica e a garantia de serem brasileiros."²¹ Tais palavras e os dizeres escritos abaixo da estátua revelam que o governo valorizaria a figura do fundador de Blumenau pela lealdade e amor ao Brasil, país onde morou parte de sua vida.

Através de suas palavras, o Interventor queria dizer à população local que o estrangeiro tinha deveres para com o Brasil, sobretudo o da lealdade, algo sintomático numa época em que se acusavam estrangeiros e descendentes de "inimigos da pátria", por conta da existência de movimentos nazi-fascistas no estado. O Interventor não vai realçar a figura de Hermann Blumenau, um imigrante alemão, como um elemento que teria contribuído para a formação da nacionalidade brasileira, no aspecto "racial", como se referia na época. Isto porque ele concordava com o Conselho de Imigração e Colonização, sediado na capital da República, que o sentido da formação histórica da nacionalidade no Brasil era luso-brasileiro, razão pela qual interessava ao Estado de Santa Catarina, na época, sobretudo a imigração portuguesa.²²

O discurso do Interventor na inauguração da estátua revela o investimento do Estado numa política de homogeneização nacional, que visava a construção da brasilidade. Através das inscrições no monumento inaugurado e do discurso das autoridades políticas da época, percebe-se também como o Estado, que exercia o controle da memória na esfera pública, procurou se apropriar da memória do fundador, dando a ela um contorno que a conformasse com o projeto nacionalizador

21 Monumento ao Dr. Hermann Blumenau. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU. *Aspectos históricos e turísticos. Cidade de Blumenau.* Blumenau, 1984. Elaborado pelo geógrafo Patrício Vega Farfán.

22 TROTSCHER, op. cit., p. 206.

da época. Valores associados ao fundador são destacados, para servir de exemplo para o resto da população local, alvo da Campanha de Nacionalização.



Interventor Nereu Ramos discursando durante inauguração da estátua do fundador de Blumenau, em 1940.

A cidade de Blumenau guarda no próprio nome a referência ao seu fundador. Já nos primeiros relatórios escritos, assim como no livro publicado por Hermann Blumenau, na Alemanha, em 1855, ele se refere ao seu empreendimento particular de colonização como “Colônia Blumenau”,²³ permanecendo com esta denominação mesmo quando, anos mais tar-

23 BLUMENAU, Hermann. *A colônia alemã Blumenau na província de Santa Catarina no Sul do Brasil*. Tradução: Annemarie Fouquet Schünke. Blumenau, Cultura em Movimento/Instituto Blumenau 150 anos, 2002.

de, em 1860, o Império brasileiro passou a administrá-la. A palavra Blumenau remetia a uma pessoa, mas também a toda uma cidade. Sendo assim, dedicar um monumento ao fundador, em 1940, representava certamente uma estratégia perspicaz do governo, naquele momento, pois era um nome em torno do qual haviam-se cristalizado muitas imagens. O governo se apropria daquele agente real da história e lhe incute toda uma carga de valores, como amor ao Brasil e lealdade, tentando transformá-lo em arquétipo de valores a ser seguido.

Assim se constituiu mais um “lugar da memória” na cidade, como formulou Pierre Nora, ou seja, um referencial do passado baseado em restos, com o fim de justificar o presente, um lugar constituído de “momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos” depois de passar por um processo de deformação, transformação e petrificação.²⁴

Esta forma de lidar com a memória de alguns personagens do passado, entretanto, toma novos rumos com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em agosto de 1942. A repressão a estrangeiros e descendentes, que já vinha se processando no estado, torna-se mais violenta. Também no espaço urbano isto se faz perceber. O governo investiu na mudança de nomes de ruas, localidades e instituições no Vale do Itajaí. Em 1942, o interventor municipal de Blumenau, o médico Afonso Rabe determinou através de decreto a alteração do nome de 43 ruas, a maioria das quais com nomes que lembravam pessoas com sobrenome alemão.²⁵ Inclusive a Avenida Dr. Blumenau, pessoa homenageada dois anos antes, perde esta denominação em 1942, passando a se chamar Avenida Duque

24 NORA, op. cit., p. 13.

25 Fonte Decreto lei n. 68 de 18.08.1942. In: *Relatório dos negócios administrativos de Blumenau, referente ao ano de 1942, apresentado à Câmara Municipal pelo Prefeito Afonso Rabe*, p. 29.

de Caxias, uma das figuras mais homenageadas do panteão cívico do Estado Novo. Este e outros "heróis" nacionais deveriam servir de imagem e exemplo a ser seguido pela população. Entre outras ruas que mudaram de nome, encontra-se também a rua Hermann Hering Senior, um dos fundadores da Cia. Hering, que passou a se chamar rua Floriano Peixoto, o marechal da Primeira República. A rua Gustav Sallinger, que foi um grande comerciante do município, teve o nome substituído pelo do Almirante Barroso, participante da Guerra do Paraguai. A rua Wendeburg, o substituto de Hermann Blumenau na administração da colônia, rua que dava acesso ao bairro da Velha, teve o nome trocado para rua João Pessoa. Das 43 ruas alvo do decreto, 10 foram renomeadas com nomes de "heróis" nacionais e 33 com nomes de cidades de Santa Catarina e de estados brasileiros. Era o desejo de integração nacional que se fazia inscrever no espaço urbano em Blumenau, naquele momento de repressão aos estrangeiros e descendentes e de investimentos na homogeneização nacional.

A nova denominação dada à Avenida Dr. Blumenau, durante a Segunda Guerra, para Avenida Duque de Caxias, entretanto, parece não ter se arraigado definitivamente entre a população, uma vez que até hoje muitas são as pessoas que se referem àquela via como rua das Palmeiras, sua antiga denominação.

Naquela época, a coordenação do Conselho Nacional de Geografia fixou normas para se eliminar nomes estrangeiros, que serviam para denominar cidades e vilas.²⁶ Com base nesta legislação se justificou a mudança de nome de diversas localidades no Vale do Itajaí. Exemplos interessantes de mudanças de nome de localidades ocorreram no Alto Vale do Itajaí. Durante a Segunda Guerra Mundial, o nome do município de

26 SCHWARTZMANN, Simon (org.) *Estado Novo: um auto-retrato* (Arquivo Gustavo Capanema). Brasília: CPDOC/FGV, Editora da UnB, 1983, p. 189.

Hammonia foi mudado para Ibirama,²⁷ denominação indígena, com o argumento de que a denominação antiga²⁸ era um nome estrangeiro. Escolas no Vale do Itajaí também tiveram seus nomes modificados e muitas das novas escolas inauguradas receberam nomes de "heróis" da história oficial brasileira e estadual. Outras instituições como clubes e sociedades, quando não foram fechados, também tiveram o nome mudado.

Durante o Estado Novo, o governo municipal estava nas mãos de interventores sintonizados com o governo estadual, dominado por fração das elites do Planalto catarinense. Mas em 1947, com o início do período constitucional, o empresariado local assumiu a hegemonia política em Blumenau.²⁹ Isto não acontecia desde 1930, quando os representantes políticos desta classe foram destituídos dos seus cargos políticos no município.

A maioria das pessoas que exerciam cargos políticos em Blumenau até 1937, não voltaram a exercer cargos políticos após 1945.³⁰ Alguns se retraíram, outros também faleceram. Mas surgiram obviamente novas lideranças políticas. A situação política, entre 1945 e 1947, quando houve uma seguida troca de prefeitos, caminhava no sentido de se fortalecer a UDN - União Democrática Nacional, partido opositor ao partido que governava o estado de Santa Catarina. Em 1947 chegaram a disputar o cargo de prefeito municipal dois membros do empresariado, Frederico Guilherme Busch Júnior e Victor Hering.

27 Decreto-lei nº 941 de 31.12.1943. ESTADO DE SANTA CATARINA. Legislação de 1943. Florianópolis, IOESC.

28 Hammonia era o nome de um dos bairros de Bremen, cidade de onde vieram muitos imigrantes por intermédio da Sociedade Colonizadora Hanseática.

29 SIMÃO, Vilma Margarete. *Blumenau: da indiferenciação étnica à diferenciação de classe*. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 78.

30 Os únicos foram Germano Beduschi, que foi prefeito entre abril de 1946 e abril de 1947 (que havia sido prefeito provisório nos anos 30), Antônio Cândido Figueiredo e João Durval Müller, ambos vereadores entre 1947 e 1951 (o primeiro foi prefeito provisório entre 1931 e 1933 e o segundo, vereador pela AIB entre 1936 e 1937). SILVA, José Ferreira da. *História de Blumenau*. Florianópolis: Edeme, 1972, p. 282.

O primeiro venceu as eleições e ficou no cargo até o final de 1950. Entre os 13 vereadores, entre 1947 e 1949, encontrava-se mais três outros integrantes do empresariado, um banqueiro e dois representantes da classe industrial da região.³¹

Esta conjuntura política em Blumenau vai diferir da que se observava no imediato pós-guerra em Florianópolis, capital do estado, onde muitos políticos que assumiram cargos durante o Estado Novo continuavam no exercício do governo estadual. Estes, com a redemocratização, acionaram toda a estrutura burocrática criada nos anos anteriores para formar o PSD – Partido Social Democrático.³²

Considerando que em Blumenau, no imediato pós-guerra, surgem novos líderes políticos no meio do círculo de empresários, que tomam as rédeas do governo municipal, não é com surpresa que se percebe como o poder público municipal vai investir na memória de destacados políticos da Primeira República (1889-1930), das áreas do comércio e indústria. As elites da cidade, no final dos anos 40, inscrevem alguns dos nomes de seus ancestrais familiares e/ou políticos no espaço urbano, nominando praças, esculpindo alguns de seus rostos em bronze, expondo-os em praça pública. Houve até quem se lembrou do velho busto de Victor Konder, inaugurado em 1928, que havia sido jogado no rio Itajaí-Açu pelos adversários políticos, durante a Revolução de 1930. Sob iniciativa do governo municipal, em 1947, o busto foi repostado no lugar em que originalmente estava.³³ Estes fatos evidenciam como o mesmo monumento, em diferentes situações, pode ser relacionado a diferentes valores e servir a diferentes fins.

31 Hercílio Deeke, que era o presidente da Câmara, Guilherme Jensen e Otto Hennings, respectivamente. Cf. lista dos integrantes das Câmaras Municipais no final do livro de SILVA, op. cit., p. 360.

32 PIAZZA, Walter (Org.). op. cit., p. 431.

33 SILVA, José Ferreira da. *Blumenau e os seus monumentos*. Blumenau, sem indicação de data. AHJFS.

Algumas antigas figuras da política local tiveram seus rostos eternizados através da confecção de bustos. Era uma ânsia em evitar que a história varresse da lembrança das pessoas determinados agentes da elite que viveram em tempos passados na cidade. Arrancou-se então do passado de Blumenau determinadas pessoas destinando a elas “lugares da memória”. Foi o caso de Pedro Christiano Feddersen, comerciante de larga influência política no Vale do Itajaí, e que foi deputado estadual pelo município por sete vezes durante a Primeira República.

Logo após sua morte, em 1946,³⁴ a Câmara Municipal de Blumenau decretou a mudança do nome da rua Acre para rua Coronel Feddersen, próximo de onde ele havia residido, criando também ali o Largo Coronel Feddersen.³⁵ Ali foi erigido um busto em sua homenagem, “por sua dedicação aos interesses do Vale do Itajaí”, como consta no monumento inaugurado durante os festejos do centenário de Blumenau, em 1950,³⁶ momento comemorativo no qual outros monumentos foram inaugurados.

Durante os festejos, Curt Hering, falecido há dois anos, também foi eternizado no mármore. Tratava-se de mais um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que, como acentua o historiador Jacques Le Goff, a memória é particularmente valorizada: a morte.³⁷ Os organizadores dos festejos inauguraram um busto ao “saudosos e grande industrial blumenauense”, como se referiu na época, no bairro Bom Retiro, onde ainda hoje se lo-

34 LIBERATO, Celso. Coronel Pedro Christiano Feddersen. Revista *O Vale do Itajaí*, Blumenau, n. 43, out. 1948.

35 Justa homenagem a quem trabalhou pelo progresso de Blumenau. Revista *O Vale do Itajaí*, Blumenau, n. 41-42, ago./ set. 1948.

36 *Relatório dos negócios administrativos do município de Blumenau, referente ao ano de 1950, apresentado à Câmara Municipal pelo Prefeito Frederico Guilherme Busch Júnior*.

37 LE GOFF, op. cit., p. 535.

caliza a sede da indústria Hering. O discurso foi proferido por Paulo Malta Ferraz, que na época também havia escrito um artigo sobre história local, que foi publicado no livro do centenário.³⁸



Inauguração do busto em memória ao industrial Curt Hering, em 1950. Na foto, discursando, Paulo Malta Ferraz.

Em foto publicada num jornal de Blumenau, publicado durante a semana dos festejos, os bustos do industrial Curt Hering e do comerciante Pedro C. Feddersen aparecem lado a lado, como uma foto-montagem, em meio a matérias destacando o “progresso” que a cidade havia alcançado.³⁹ Três dos políticos mais influentes em Blumenau, durante a Primeira República, Pedro C. Feddersen, Curt Hering e Victor Konder, um comerciante, um industrial e um político ligado àquela elite econômica, respectivamente, são homenageados pelas elites políticas do final dos anos 40 e início dos 50 em Blumenau. Anos mais tarde, chegou-se a dar a um bairro próximo do Cen-

tro, onde Victor Konder havia adquirido uma residência, o seu nome.⁴⁰ Até hoje é o único bairro da cidade que leva o nome de uma pessoa.

Essas operações não eram e não são naturais. Do presente partem iniciativas de buscar no passado personagens para a eles se dedicarem monumentos. Em 1950, houve o envolvimento de diversos integrantes das elites econômicas de Blumenau na organização dos festejos do centenário. Algumas pessoas da classe empresarial, entre outras, participaram da comissão e subcomissões encarregadas de organizar os festejos.⁴¹ Estes queriam, entre outras coisas, destacar o “progresso” que Blumenau havia alcançado em 1950, através dos festejos. O industrial Curt Hering foi lembrado como um dos que teria contribuído para tal estágio de desenvolvimento, assim como Pedro Feddersen. Diversos industriais e, sobretudo, comerciantes, já falecidos, também foram homenageados no álbum do centenário de Blumenau, através da publicação de uma série de biografias. Uma das maneiras para mostrar o potencial econômico da cidade foi a organização da exposição industrial do centenário de fundação de Blumenau, aberta no dia 2 de setembro de 1950.⁴²

Muito embora o empresariado que assumiu a hegemonia política em Blumenau, no final dos anos 40, investisse na memória de personalidades políticas de destaque na cidade durante a Primeira República, não impediu investimentos na memória de “heróis” nacionais valorizados na época do Estado Novo. Em 1947 assistiu-se à inauguração de um busto de

38 Natural de Macaé e que se mudou para Blumenau durante os anos da guerra, sendo delegado auxiliar e regional de polícia em Itajaí, Blumenau e Florianópolis, tendo contribuído com artigos para a imprensa. Em 1948 apresentou um trabalho sobre história de Blumenau no Congresso de História Catarinense.

39 *A Nação*, Blumenau, 05.09.1950, p. 01.

40 Lei n. 717, de 28.04.1956. Cfe. Bairro Victor Konder. In: IPPUB. *Blumenau: perfil dos bairros*. v. 3. Blumenau, 1996.

41 Era presidente da Comissão dos Festejos, o banqueiro Hercílio Deeke, presidente da Câmara de Vereadores de Blumenau, pela UDN. Cf. Blumenau em Festa. In: *Centenário de Blumenau. 1850-1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.

42 *Relatório dos negócios administrativos do município de Blumenau, referente ao ano de 1950...*

bronze em memória ao poeta Olavo Bilac, representado como o “poeta-soldado” nas comemorações cívicas. O ato foi fruto de uma campanha do Exército, sendo que a dedicatória inscrita no monumento foi feita em nome dos escolares do município. Outra iniciativa no sentido de se homenagear personalidades valorizadas pelo governo brasileiro durante a Segunda Guerra foi a construção de uma praça em memória a Duque de Caxias, defronte ao batalhão do Exército, em 1953.⁴³ Tais ações evidenciam, portanto, alguns elementos de continuidade com relação ao período anterior. Isto também se percebe a nível discursivo, pois membros das elites investem publicamente na afirmação de uma identidade brasileira para a cidade, algo em que o governo, durante a guerra, não mediu esforços para investir.⁴⁴

Outro monumento, inaugurado em 1950, materializa uma concepção da história regional muito valorizada por pessoas integrantes ou ligadas ao Estado, durante a época da nacionalização, que salientava o papel do Estado brasileiro no desenvolvimento da Colônia Blumenau. Foi neste sentido que se inaugurou, durante os festejos de 1950, um busto em memória ao Imperador D. Pedro II. Uma das filhas do fundador de Blumenau, vinda especialmente da Alemanha para os festejos, descerrou o manto que cobria o busto daquele que “havia sido grande amigo de seu pai”,⁴⁵ como ficou registrado no relatório do governo municipal daquele ano. Através deste gesto, procurava-se enraizar a memória relativa à cooperação entre o fundador da colônia e o imperador. Tal concepção foi na mes-

43 *Relatório dos negócios administrativos do município de Blumenau, referente ao ano de 1953, apresentado à Câmara Municipal pelo Prefeito Hercílio Deeke, p. 82.*

44 Sobre a reinterpretação do passado regional durante o Estado Novo até 1950 e os embates na esfera pública de Blumenau em torno do tema da nacionalização, durante o imediato pós-guerra, ver capítulo quinto da tese de doutorado de FROTSCHER, op. cit.

45 *Idem.*

ma época desenvolvida em artigo publicado no livro do centenário, no qual se acentua a ajuda financeira do Império à Colônia Blumenau e o fato dela ter sido cedida ao governo imperial em 1860, por conta de dificuldades financeiras, deixando de ser colônia particular.⁴⁶ Valorizava-se desta forma a cooperação entre o imigrante alemão Dr. Blumenau e o governo imperial brasileiro.

A própria estátua do Dr. Blumenau vai sofrer uma intervenção por conta dos festejos do centenário. Em 1949, como parte dos preparativos para as festividades do ano seguinte, a prefeitura municipal iniciou a construção do que seria a Praça Dr. Blumenau, localizada na rua XV de novembro, em frente à rua Nereu Ramos,⁴⁷ transferindo para este local a estátua do fundador que havia sido inaugurada em 1940. Tal solenidade foi um dos pontos altos da agenda dos festejos. Naquela época também foi lançada a pedra fundamental da Casa Dr. Blumenau, no local previsto, na Alameda Duque de Caxias, onde Hermann Blumenau viveu parte de sua vida,⁴⁸ investindo-se em mais um local em sua memória na cidade.

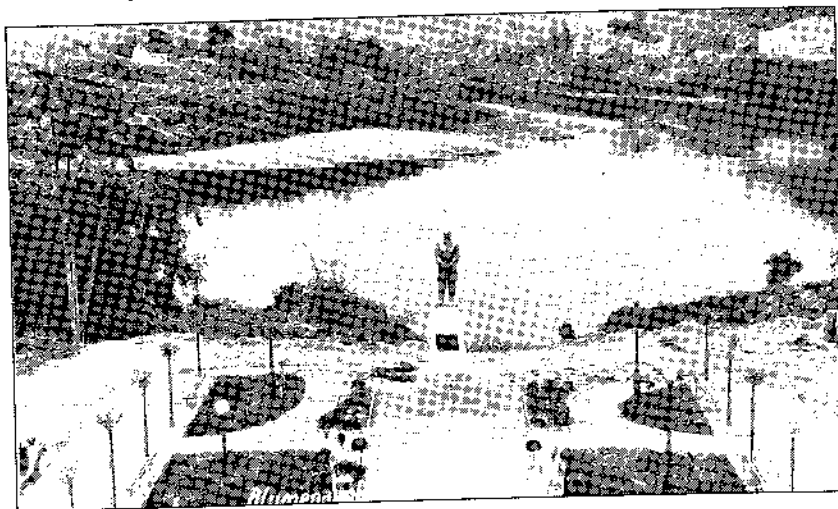
O governo municipal de 1949 apontava, como um dos motivos para transferir a estátua, o “sempre crescente movimento” na Alameda Rio Branco, onde ela antes estava. Havia o desejo de se possibilitar maior fluxo ao tráfego naquela rua, deslocando-se o monumento para uma praça exclusiva. O prefeito ainda alegava como motivo a carência de praças e jardins na cidade. Aproveitou-se então o espaço criado com a canalização do ribeirão Bom Retiro, que aterrado e ajardinado deu

46 FERRAZ, Paulo Malta. A contribuição do governo e do elemento nacional na colonização de Blumenau. In: *Centenário de Blumenau...* p. 139.

47 Denominação dada através da Lei n. 60, de 16.08.1949. Cf. *Relatório dos negócios administrativos do município de Blumenau, referente ao ano de 1949, apresentado à Câmara Municipal pelo Prefeito Frederico Guilherme Busch Júnior.*

48 *Relatório dos negócios administrativos do município de Blumenau, referente ao ano de 1950...*

origem a uma praça, para se instalar ali a estátua do fundador. A construção da praça ocorre, portanto, num contexto em que se valoriza o embelezamento da cidade. O fato de se remover a estátua para outro local, amplo e ajardinado, dando-lhe um novo contorno, era uma forma de se criar no espaço urbano mais um "lugar da memória" em razão do centenário. Desta vez, a tônica dos discursos sobre o fundador da cidade, estampados nos jornais locais, era destacar o progresso da cidade e a contribuição do fundador neste sentido.⁴⁹



Estátua do Dr. Blumenau transferida para praça de mesmo nome, inaugurada em 1950.

Esta foi a primeira das três vezes, até hoje, que se mudou a estátua de lugar. No curto período de 60 anos, a estátua já esteve em quatro lugares diferentes, mudanças ocorridas em razão de diversas interferências do poder público. Em 1967 a estátua foi transferida para a Alameda Duque de Caxias, sob a

49 Matéria de primeira página de um dos jornais locais: "Após 100 ano, presenciando a realidade do presente, reverenciamos a memória deste intrédito colonizador alemão que soube pelo seu esforço e pela sua dedicação, fundar, desenvolver e encaminhar para o progresso este grande município que orgulha Santa Catarina e o Brasil". *Cidade de Blumenau*, Blumenau, 02.09.1950, p. 01.

justificativa que deveria estar ali por ter ali se localizado a sede administrativa da Colônia Blumenau. Aquela via tinha levado o nome do Dr. Blumenau, até o decreto de 1942 tê-la renomeado para Alameda Duque de Caxias. Diante destas mudanças, seja do nome da rua ou da localização do monumento, não surpreende o fato de provocar algumas situações de confusão e perplexidade. Desde que foi transferida a estátua para a Alameda Duque de Caxias, muitos turistas desavisados viam a estátua do Dr. Blumenau, pensando tratar-se da estátua do referido duque.

É de se questionar se estas interferências do poder público não sejam uma evidência de um esquecimento por parte da população em geral, em relação ao fundador da cidade. Pois se as lembranças que os lugares da memória envolvem fossem verdadeiramente vividas pelas pessoas, salienta Pierre Nora, eles seriam inúteis.⁵⁰ A antropóloga alemã Sabine Kiefer chegou a constatar, no final dos anos 90, a falta de uma dedicação ativa à pessoa do Dr. Blumenau pela comunidade. A mesma observou como o mausoléu, inaugurado em 1974 para abrigar os restos mortais do fundador e de sua família, mandados trazer especialmente da Alemanha, só era raramente visitado por moradores da cidade.⁵¹ Talvez este possa ter sido um dos fatores que levaram, mais uma vez, em 1999, durante o centenário da morte de Hermann Blumenau, a se transferir sua estátua, desta vez para o jardim defronte ao mausoléu em sua memória.

A comemoração do centenário da cidade foi um momento fértil na rememoração do passado e na criação de "lugares da memória", como praças e monumentos dedicados a pessoas das elites do passado, em lugares nobres da cidade, como o lançamento da pedra fundamental da Casa Dr. Blumenau,

50 NORA, op. cit., p. 13.

51 KIEFER, Sabine. Blumenau: um lugar, uma idéia, uma pessoa. *Blumenau em Cader-nos*, Tomo XXXVIII, n. 06, jun. 1997, p. 28.

que deveria se encarregar da guarda da memória da cidade, muito embora este projeto tenha se efetivado bem mais tarde. Investiu-se também, a partir de fins de 1948, como parte dos preparativos para os festejos do centenário, na reorganização do arquivo municipal.⁵² O momento trazia o imperativo de se revolver documentos, acumular vestígios do passado, evidenciando também a vontade pelo registro.

Naquele momento em que se celebra o estágio de desenvolvimento da cidade, o poder público investiu também, como mencionado anteriormente, no embelezamento da cidade. Uma das tônicas da época dos preparativos para os festejos do centenário era embelezar e modernizar Blumenau.⁵³ Além de investir na construção de novas praças e reforma de outras existentes, o poder público se empenhou, no final dos anos 40 e início dos 50, na erradicação da maior favela que Blumenau tinha na época, localizada próximo ao Centro da cidade, e no deslocamento de parte das famílias moradores para um local menos visível aos visitantes. Era a face da mesma moeda. De um lado, lembrar pessoas da classe comercial e industrial do município, alçando-os a empreendedores do progresso que se comemorava e, de outro, esquecer e/ou erradicar tudo aquilo que se considerava feio e um sinal de atraso.

A favela, constituída por mais de cem casebres,⁵⁴ começou a ser erradicada a partir do momento em que o proprietário daquelas terras, em fins de 1948, iniciou uma campanha "Pró-extinção da Farroupilha", com o apoio do Rotary Clube de Blumenau e da Prefeitura Municipal.⁵⁵ Para tanto, o pro-

prietário solicitou à Câmara de Vereadores uma abertura de crédito, sob o argumento de que Blumenau não poderia apresentar aquela "mancha na estética urbanística"⁵⁶ nos festejos do centenário da cidade. Preocupada em montar o cenário da festa, a prefeitura apoiou a campanha. Parte dos casebres foi demolida, sob a justificativa, dada pelo prefeito na época, de ser um local "onde imperam a promiscuidade e o desasseio".⁵⁷ Ao longo de 1949, o proprietário do terreno foi adquirindo os casebres, desmontando-os em seguida. Em 1950 obteve despacho favorável a seu pedido de despejo dos moradores que resistiam em deixar o local. Casebres foram desmontados e caminhões da prefeitura transportaram o material para o beco Araranguá, onde podiam ser reconstruídos, local longe das vistas dos visitantes.⁵⁸ Isto não sem encontrar a resistência de muitas famílias.

Em nome do embelezamento da cidade, portanto, foi deslocada da área central parte da população pobre, através de articulações bem sucedidas entre as elites que tinham a hegemonia política na cidade. Interesses privados envolvidos encontraram, no momento dos preparativos dos festejos do Centenário, uma oportunidade para retomar a posse de seu terreno, onde se localizava a favela, e o poder público pôde encontrar nos preparativos dos festejos um argumento para seu intento de maquiagem a cidade para o evento.

No mesmo ano em que se festejou o centenário, deflagrou-se uma grande greve operária em diversas empresas industriais do município,⁵⁹ em busca de melhores condições de traba-

52 *Relatório dos negócios administrativos do município de Blumenau, referente ao ano de 1949...* p. 43.

53 *Idem*, p. 44.

54 Ofício de Roberto Baier, encaminhado a Câmara Municipal de Blumenau, em 12.09.1949. Acervo particular de Niels Deeke.

55 Ofício da Comissão de Finanças, Orçamento e Contas do Município para o Presidente da Câmara Municipal de Blumenau. Blumenau, 20.09.1940. Acervo particular de Niels Deeke.

56 *Idem*.

57 Palavras do prefeito Frederico G. Busch Júnior. In: *Relatório dos negócios administrativos do município de Blumenau, referente ao ano de 1949...*, p. 39.

58 Iniciado ontem o despejo dos moradores da "Farroupilha". *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, Tomo XLIV, n. 1 e 2 jan./fev. 2003, p. 76 e 77.

59 Participaram do movimento grevista operários da Empresa Industrial Garcia, Fábrica de Chapéus Nelza, Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S/A, Algotex e Empresa

lho. Mas os conflitos sociais não aparecem nos escritos comemorativos ao centenário da cidade, e sim uma imagem de harmonia.

A pessoas que não tivessem feito parte das elites econômicas e políticas da cidade ou do país, entretanto, não foi erigido nenhum monumento exclusivo durante os festejos de 1950, muito embora eles também tivessem feito história. O que ocorreu foi a colocação de uma placa em memória aos 17 primeiros imigrantes, vindos em 1850, no monumento de 1903, destacando-se sua "energia e coragem" na conquista de uma "nova pátria". Esta interferência no monumento era de certa forma um elo que se queria estabelecer entre uma comemoração e outra. Por conta da interferência, o monumento deixou de ser referido como monumento ao fundador ou apenas à fundação, para ser o monumento à fundação e aos primeiros imigrantes.

Alguns aspectos procurou-se abordar neste artigo, escrito na perspectiva de uma "história da memória",⁶⁰ tendo como matéria-prima a memória e alguns dos seus "lugares" na cidade. Percebeu-se entre outras coisas como, em 50 anos de história, da comemoração do cinquentenário à do centenário de fundação de Blumenau, sobretudo figuras das elites foram representadas nos oitos monumentos então existentes na cidade, impregnando-os de significados. Tais exercícios de reflexão histórica são relevantes considerando o contínuo movimento de atualização da memória que se dá sempre a partir do presente. Esta constatação nos aguça os sentidos para poder perceber, também no presente, como e para que fins pessoas e grupos operam a renovação da memória.

Gráfica Catarinense. Cf. DIAS, Maria de Fátima Sabino. *Sindicalismo e estado corporativista: o caso do sindicato dos trabalhadores nas indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau - 1941-1950*. Florianópolis, 1985. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História - UFSC.
60 Sobre isto ver PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, nov. 1998, p. 210.

As identidades e os monumentos: a experiência de Criciúma-SC

Marli de Oliveira Costa

Por não existir uma relação direta entre o significado histórico que se supõe transmitirem e aquilo que significam, os monumentos são, como as ruínas, um convite à imaginação do passado e, em alguns casos, do presente.

(Carlos Fortuna, 1997)

Cresciúma, Cressiuma, Crixíuma, vocábulo indígena utilizado para designar uma graminácea, semelhante à taquarinha, abundante no centro da cidade. A partir de 1880, durante o processo de imigração européia para o Brasil promovido pelo Governo Imperial brasileiro, fundou-se o Núcleo São José de Cresciúma, integrado ao município de Araranguá¹, sendo que pouco a pouco os indígenas "desapareceram" e o lugar passou a vivenciar a "lógica" e a "ordem" da civilização ocidental.

Criciúma emerge no cenário sul catarinense como uma cidade pólo de indústria e comércio. A situação geográfica, os modos de vida, a existência do carvão, o trabalho de muitos homens e mulheres criaram e recriam todos os dias várias identidades para o município que foi e é reconhecido por suas principais atividades econômicas (cerâmica, carvão, vestuário, etc.); pela descendência étnica de sua população (afro-brasileira, lusa, italiana, polonesa, alemã, e outras); pelo Movimento Sindi-

¹ A emancipação política de Criciúma deu-se apenas em 1925.